

I CONGRESSO DO BOMBO  
28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa  
[Painel1-Parte1-Marco Fernandes](#)

Domingos: O Marco é professor de percussão na Metropolitana, em Évora neste momento, na Universidade de Évora, e eu penso que se lhe devem, em certa medida, o termos uma nova geração, a ele também e a outros professores, ao Marco também, termos uma nova geração de percussionistas que vai mudar radicalmente o panorama da percussão deste país, espero bem que assim seja.

“Olá bom dia a todos, eu realmente sou o bebé deste painel, estou há menos tempo nesta área da percussão. É curioso, porque, como o Manuel Rocha dizia, eu sou aqueles meninos que foram tocar o Carrapatoso ao conservatório de Coimbra e que, na realidade, tive uma formação, digamos, posso chamar convencional, porque se calhar não é o melhor termo, mas comecei no Seixal, na banda filarmónica da Arrentela e depois, como todos os meninos, estávamos todos juntos, fui para a Escola Profissional de Almada, depois fui para o Conservatório, depois fui para a Escola Superior, depois fui para a Universidade...; quer dizer, e andei sempre nesta redoma e acho que o exemplo pessoal, acho que pode ser quase um objecto de estudo para este Congresso, porque eu confronto-me várias vezes com dificuldades, como ter que tocar castanholas na orquestra, por exemplo, e não consigo tocar castanholas daquela maneira. Pronto, acho que, à partida, há uma deficiência e assumo-a e tento-a combater, esta minha relação tão especial - tanto com o Rui como com a Maria que já vem de algum tempo - tento combater com a junção dos meus alunos e de mim próprio a este tipo de projectos. Eu acho que há uma barreira, na realidade, que quebra o ensino da música no seu geral, com aquelas aulas de formação musical, que o Manuel falava, e que foi parte da minha formação também com esta pratica, quer dizer, se a gente compararmos e andarmos muitos anos para trás, os próprios compositores, quando quiseram implementar, por exemplo, as castanholas na orquestra, ou o pandeiro, ou o triângulo, quer dizer, eles tiveram contacto com música daquela altura, música tradicional daquela altura, música que as pessoas tocavam na rua e disseram assim: "ah, mas eu, se calhar, quero fazer uma fantasia sobre temas espanhóis, se calhar faz todo o sentido ter umas castanholas integradas na

orquestra..." e nós, percussionistas clássicos, digamos assim, encontramos 300 soluções de conseguir por r umas castanholas num pauzinho para conseguir batê-las na perna, mas vamos de encontro ao ponto genuíno desta questão: então e como é que eu faço música com aquilo? Eu não considero que faço música com aquilo, eu chego lá toco o padrão rítmico que o compositor escreveu mas aquele balanço, aquilo que nós, em inglês, chamamos o "groove" toda aquela música lidada; eu ontem, no ensaio que nós vamos tocar amanhã, a Maria utilizou aquela expressão, " ah mas o teu bombo não é muito melódico", eu fiquei aqui a pensar cá para mim " epa fogo, então a tua pele não é melódica, pois realmente a tua pele não é melódica, não. Ok". E acho que o meu contributo neste painel é exactamente com a minha formação que não foi na realidade relacionada com estas praticas, eu aprendi, apesar de ser bastante novo nesta geração, aprendi a maneira confessional que também não concordo e estou inteiramente de acordo, acho que é ridículo estarmos, quer dizer, ali a estudar formação musical, quando o que nos une é a vontade de tocar em conjunto. Eu costumo brincar, às vezes, com os directores das instituições onde trabalho: "um dia, quando for Secretário de Estado da Cultura ou Ministro, vou obrigar toda a gente a ter percussão na iniciação e toda a gente a estudar piano e acabou. Não há instrumentos para ninguém"; porque eu acho que, o que nos une, é, realmente, tocar em conjunto, e acho que o meu melhor contributo para este painel é exactamente pegar no meu exemplo de formação e compará-lo com estas praticas que nos trazem aqui hoje."